

PSQUIATRIZAÇÃO DO CORPO FEMININO: LUTA ANTIMANICOMIAL E FEMINISMOS NA ATUALIDADE BRASILEIRA

Desirée Marata Gesualdi (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Daniele de Andrade Ferrazza (Orientadora), e-mail: daferrazza@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes / Maringá, PR.

Psicologia (70700001): Psicologia Social (70705003)

Palavras-chave: Saúde Mental, mulheres, loucura.

Resumo:

Dentre os atuais desafios no âmbito da Reforma Psiquiátrica (RP) brasileira, os processos de psiquiatria da mulher são colocados em pauta por denunciarem a persistente normatização do corpo feminino. Nessa perspectiva, a presente pesquisa teve o objetivo de compreender o processo de psiquiatria do corpo feminino, com especial atenção às vivências de mulheres que são atendidas por profissionais de uma equipe de saúde de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS III) do norte do Paraná. Especificamente, propôs-se apontar os avanços e retrocessos na garantia de atenção às mulheres em intenso sofrimento psíquico. Assim, a pesquisa exploratória qualitativa fora dividida em três momentos: 1) realização de observações participantes em oficinas terapêuticas do CAPS III com as mulheres usuárias daquele dispositivo; 2) realização de entrevistas semiestruturadas com duas mulheres; 3) realização de três entrevistas com profissionais da equipe multiprofissional. Após a transcrição das entrevistas, optou-se por dois procedimentos de análise: narrativas, que expuseram as histórias das mulheres entrevistadas; e categorias temáticas, que abarcaram as entrevistas com os profissionais. As análises mostram situações de violências estruturais e sexismo, além de retrocessos e avanços na RP, o que possibilita a abertura de espaços para importantes discussões sobre a “loucura” e a “saúde mental feminina”. O Movimento Feminista em suas interligações ao Movimento da Luta Antimanicomial (MLA), possibilita reflexões sobre estratégias para a superação do paradigma manicomial hegemônico e à desenvoltura de atendimentos que respeitem a pluralidade das mulheres usuárias dos serviços de saúde mental.

Introdução

Dentre os diversos desafios e retrocessos que perpassam o atual campo da RP brasileira, as questões que envolvem os processos de psiquiatria do corpo feminino e medicalização da mulher precisam ser colocadas em pauta. Segundo Pereira e Passos (2017), a saúde mental feminina é um tema

recente e pouco debatido no campo psicossocial. Aspecto que precisa ser transformado devido as recentes pesquisas científicas que apontam que às mulheres brasileiras recebem mais determinações de diagnósticos psiquiátricos do que os homens e, conseqüentemente, recebem mais prescrições de psicofármacos (MENDONÇA, et. al., 2008; RABELO 2011). Nesta perspectiva, na relação entre os princípios do MLA e do Movimento Feminista, a presente pesquisa teve o objetivo de compreender o processo de psiquiatrização do corpo feminino, com especial atenção aos discursos e práticas de mulheres que são atendidas por profissionais de uma equipe de saúde de um CAPS III de uma cidade do norte do Paraná.

Materiais e métodos

A presente pesquisa exploratória qualitativa foi dividida em três momentos. No primeiro momento, foram realizadas observações participantes semanais em oficinas terapêuticas destinadas a mulheres usuárias do CAPS III. A participação da pesquisadora nestas atividades permitiu o registro das observações e das vivências institucionais em um diário de campo, além da vinculação com mulheres usuárias daquele serviço. No segundo momento, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com duas mulheres, as quais se mostraram interessadas em participar da pesquisa. No último momento, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três profissionais da equipe de saúde do CAPS III (um médico psiquiatra, uma psicóloga e uma enfermeira). As entrevistas semiestruturadas foram realizadas no próprio serviço de saúde e delinear-se por um roteiro constituído por perguntas pontuais, que puderam ser complementadas por outras indagações momentaneamente articuladas, o que pode proporcionar respostas livres e sem padronizações.

A pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e seguiu as Diretrizes e Normas que regem as pesquisas envolvendo seres humanos, conforme determinação da Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. Desta forma, para garantir a confidencialidade e sigilo das informações obtidas, as entrevistas foram transcritas integralmente para a análise e os nomes dos entrevistados foram substituídos por fictícios.

Após a transcrição integral das entrevistas, foram selecionados dois diferentes procedimentos de análise: 1) narrativas para relatar a história de vida das mulheres entrevistadas; e 2) categorias temáticas para abarcar a análise das entrevistas realizadas com os profissionais da equipe de saúde. A narrativa fora um método que possibilitou a representação das complexas situações sociais, realidades cotidianas, dentre outros elementos do contexto singular das entrevistadas (CAMPOS, et. al, 2013). Já o método analítico de categorização dos dados propiciou uma análise que estabeleceu conexões e relações com a literatura especializada, o que favoreceu ampliação de interpretações das entrevistas (LÜNDKE; ANDRÉ, 1986).

Resultados e Discussão

Ao longo das narrativas, o estudo tornou-se um meio expositor de vivências de duas mulheres cisgênero negras de idades distintas, cuja vida fora marcada por situações de violências domésticas, estruturais, sexismo, vulnerabilidades socioeconômicas, dentre outras circunstâncias singulares e contextuais, as quais se somaram e se intensificaram em sofrimentos psíquicos, que decorreram a vinculação daquelas mulheres aos diversos dispositivos da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS).

Na análise das entrevistas com os profissionais, foi possível constituir cinco categorias temáticas: 1) Produção de subjetividade das mulheres e o sofrimento psíquico feminino; 2) Apontamentos sobre o fenômeno de medicalização do corpo feminino; 3) O manicomialismo que ainda persiste nas atuações profissionais dos dispositivos CAPS; 4) As formas antimanicomiais no cuidado do sofrimento psíquico; 5) O trabalho em equipe multiprofissional: sobre as ações no tratamento em Saúde Mental. A partir destas categorias atreladas aos relatos narrados, permitiu-se abarcar os avanços e retrocessos nos diversos contextos da RP a partir de uma perspectiva ampla que considerou o atravessamento do marcador de gênero e as questões que desencadeiam a superação ou manutenção de atuações que persistem acarretar na psiquiatrização do corpo feminino nos atuais serviços territoriais da atenção psicossocial estratégica.

Conclusões

A partir das narrativas das mulheres usuárias do serviço de saúde mental e da análise das entrevistas com os profissionais da saúde, a pesquisa mostra os persistentes processos relacionados à psiquiatrização do corpo feminino. Ademais, as singularidades relatadas pelas mulheres puderam abrir espaço para importantes discussões sobre a “loucura” e a “saúde mental feminina”, principalmente, ao interligar tais questões e relatos com o que fora abordado nas entrevistas com os profissionais da equipe de saúde. Além disso, a pesquisa propiciou reflexões sobre os retrocessos e avanços nas estratégias que visam à superação da hegemonia do paradigma manicomial e que proporcionam a constituição de atendimentos e Políticas Públicas que respeitem à pluralidade das mulheres nos diversos dispositivos da RAPS.

Agradecimentos

Agradeço à Fundação Araucária pelo financiamento da presente pesquisa e à orientadora Daniele de Andrade Ferrazza por ter propiciado a realização de um estudo, o qual possibilitou somar uma perspectiva plural e crítica sobre as mulheres e o sofrimento psíquico, além do fortalecimento de princípios antimanicomiais e feministas à minha formação em Psicologia.

Referências

CAMPOS, R. T. O. et al. Narrativas no estudo das práticas em saúde mental: contribuições das perspectivas de Paul Ricoeur, Walter Benjamin e da antropologia médica. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 10, p. 2847-2857, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013001000009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 jul. 2020.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MENDONÇA, R. T. et al. Medicalização de mulheres idosas e interação com consumo de calmantes. **Saúde soc**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 95-106, 2008.

PEREIRA, M. de O.; PASSOS, R. G (org.). **Luta antimanicomial e feminismos**: discussões de gênero, raça e classe para a reforma psiquiátrica brasileira. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

RABELO, I. V. M. **Nunca pensei nisso como problema**: estudo sobre gênero e uso de benzodiazepínicos na estratégia saúde da família. São Paulo: UNESP-USP, 2011.